Saudades de D. Ignez de Castro

Maria de Lara e Meneses

MUNDO DE LIBROS

Vista previa gratuita · Mundo de Libros · tiendamundodelibros.com

Saudades de D. Ignez de Castro

Maria de Lara e Meneses

Edición digital de dominio público.
Texto original: Project Gutenberg.
Mundo de Libros

SAUDADES

DE

D. IGNEZ

DE CASTRO.

SAUDADES

DE

D. IGNEZ

DE CASTRO.

PELO LICENCIADO

MANOEL DE AZEVEDO

Conimbricense.

OFFERECIDA AO SENHOR

GUILHERME JOAQUIM

PAES VELHO.

PELO PADRE

JOÃO DE GOUVEA

Prisbitero do habito de S. Pedro.

[Ilustração]

LISBOA:

Na Officina JOAQUINIANNA DA MUSICA DED.

Bernardo Fernandes Gayo, Morador na rua das Mudas.

M. DCC. XLV. _Com todas as licenças necessarias._

[Ilustração]

DEDICATORIA

AO SENHOR

GUILHERME JOAQUIM

PAES VELHO.

Justo era, que huma taõ excellente obra procurasse hum assyllo taõ excelso. Publica-se por meyo da estanpa ao Mundo as Saudades de D. Ignez de Castro, Rainha taõ infeliz, como formoza, e vendo eu que he perigozo entregar nas mãos do vulgo cousa, para cuja seja materia a sua distracçaõ, logo me occoreo, que a offerta só era conveniente em V. M. porque sey, que como V. M. he dado às letras, naõ deyxarà de amparar hum milagre da Poesia, e juntamente escurecer o alvedrio de hum Zoylo. Materia difficel seria o querer expór ao publico a Genelogia de V. M. que como conhecida naõ carece de explicação, mas só lembro a V. M. que o sangue, que lhe pulsa pelas veyas, mais logra de soberano, que de nobre. Dedicar o presente papel a V. M. he como divida, porque confórme, diz Seneca, só se conhecem as remuneraçoens pelo offerecimento, por essa causa quando eu tenho recebido taõ dilatados favores, porque razaõ naõ heyde de manifestar o quanto sou devedor a V. M. Aceyte pois o presente obsequio como divida, porque só assim lograrey eu a ventura de acertar quando me lembro da sua generosidade para o restituir. A pessoa de V. M. guarde Deos pelos annos, que todos os seus amigos dezejamos.

Amigo, e Venerador de V. M.

O P. Joaõ de Gouvea

[Ilustração]

SAUDADES DE DONNA IGNEZ DE CASTRO.

I.

Era na meya idade, a q˜chegava
Em fraguas de Zafir o Sol, q˜ardia,
e nas asas do tẽpo, q˜passava,
Icaro de seus rayos era o dia
Quando pois com as chammas se abrasava,
Que morrer incendîdo entaõ queria,
Sendo por renascer com novo alarde,
Em cinzas de rubim Féniz da tarde.

II.

Na lisongeira planta se enlaçava
Cortez o vento com gentil porfia,
E nos jardins a Rosa, que encalmava,
Em berços de esmeralda adormecia:
A simples avesinha se banhava
No murmúreo correr da fonte fria,
Renovando na vista o doce alento,
Narciso nos crystaes, Orfêo no vento,

III.

Mas Ignez só, que por penar vivia,
Naufragava em soluços cada instante,
Ignez, aquella Ignez, que amor fazia

Por lhe dobrar as magoas mais constante:
Aquella, em cujas graças competia
Ser formosa, discreta, e ser amante,
Em cujas prendas naõ tiveraõ parte
Artificios da industria, invençoẽs da arte.

IV.

A que nos dotes da alma taõ possante,
Discreta, grave, terna, e generosa,
Que da mesma bellesa sendo Atlante,
Tinha por menór prenda o ser formosa:
Nos donaires do talhe taõ galante,
Nos alinhos da graça taõ vistosa,
Que topando na culpa de Narciso,
Fora sem culpa seu discreto aviso.

V.

Mas qual o passarinho descuidado,
Lisonja mais gentil da tenra idade,
Foy das maõs do menino aprisionado,
Que lhe roubou no laço a liberdade:
Que quando delle mais galanteado,
Exprimenta no mimo a crueldade:
E quando a côr das pennas lhe contenta,
Nas que lhe tira, mais lhas accrescenta.

VI.

Tal Ignez na manhaã dos ternos annos,
Nas primeyras Auróras da esperança,

Deo nos laços de amor doces enganos,
Do vendádo rapaz linda vingança;
Mas os golpes da Parca deshumanos
A belleza por flor em flor alcança,
Exprimentou na sempre amarga sorte
Por maõs do Deos do amor armas da morte.

VII.

Eraõ gentil emprego a seus cuidados
As finesas de Pedro, que a beldade
Nelle soube trazer aprisionados
Sceptro, corôa, vida, e liberdade:
Entre ambos tinha amor já taõ ligados
Os soltos alvedrîos da vontade,
Que foy nelles baldado, e foy perdido
Nascer Antéros por crescer Cupido.

VIII.

Mas oh tyranna dor amor inventa!
Forçosa foy de Pedro a dura ausencia,
Atropos da alma, que da pena isenta,
Nella sabe sentir mortal violencia:
Como preso, partir-se Pedro intenta,
E sente na alma, Ignez, nova inclemencia,
Que quer a sorte, pois amor ordêna,
Onde naõ chega a morte, offenda a pena.

IX.

Quantas vezes, Ignez, no pensamento
Este desár notaste a teus favores?
Quantas vezes, Ignez, na maõ do vento
Os viste, e vês agora, e verás flores:
Tanto nas affeiçoens, gosto avarento,
Este pesár sentiste em teus amores,
Que naõ posso dizer, que neste emprego
Estavas, linda Ignez, posta em socego.

X.

Entre os braços de Pedro, ardête Fragoa,
Se encosta Ignez sem vida, e sem sentido,
Que multiplîca a dôr, e dobra a magoa
Lograr presente o bem, que he já perdido:
Dos olhos sólta dous chuveiros de agoa,
Oceànos de neve, onde Cupîdo
Quiz da belleza já colhendo as velas,
Chegasse a tempestade até as estrellas.

XI.

Qual em berços de purpura vistosa,
Delicias da manhaã, da tarde empresa,
Dos melindres de flor enferma a Rosa,
Desmayado o verdôr, murcha a lindesa;
Pois a que foy de Abril pompa lustrosa,
Livro do amor, emblema da bellesa,
Perde a graça, por vêr que o Sol lhe talha
Do mesmo carmesim gala, e mortalha.

XII.

Tal do fogo de amor na immensa calma
A côr Ignez perdeo, que amor ordena,
Os desmayos, que tinha impressos na alma,
Trasladasse no rosto a viva pena:
Já despojo da dôr, da magoa palma,
Com respirar de flor, arde Açucena,
Exhála nova dôr ao pensamento,
Em saudosos ays o doce alento.

XIII.

Ay! cadûco prazer, diz lastimada,
Esperança de hum bem, doce tormento,
Ay! que por verde murchas apressada,
Primavéra do amor, da dor portento:
Ay! melindrosa flor agonizada,
Despojado Jasmim de qualquer vento,
Que quando nasce traz na mesma alvûra
Gala, mortalha, berço, e sepultura.

XIV.

Ay! que chegas, oh dia! em que amor tira
Duas almas de hum peito, oh noite fria!
Oh noite, digo, porque a quem suspira,
Fóge a luz, morre o Sol, acaba o dia:
A bocca, de que hum _ay_, outro _ay_, retira,
Jà cansando, mais bayxo repetia,

Paray Senhor; mas hum soluço ardente
Suffóca o _par_, repete o _ay_ sómente.

XV.

Paray, torna a dizer, meu gosto amado,
Gloria desta alma, em quanto gloria tinha;
Mas ay alivio meu! ay meu cuidado!
Como podeis parar, se gloria minha!
Mas se destîna o Céo, e manda o Fado
Esta alma castigar, que amor mantinha,
Deixai-me a vossa, porque a sorte ordene,
Mais almas tenha, porque assim mais pene.

XVI.

Mas naõ, que he contra amor esta porfia:
Mas naõ, que deyxo amor nisto aggravado:
Muitas almas naõ quero, que sería
Repartir o tormento a meu cuidado:
Mas se a pena permitte a companhia
Nesta ausencia cruel, oh triste Fado!
Antes que a dor ma roube da partida,
Levai-me, vida minha, a minha vida.

XVII.

Só com vosco, Senhor, irá segura,
Sem que mortal achaque lhe aconteça;
Porque talvez do Fado a sorte dura
Fóra deste meu peito a desconheça:

Hasta aqui llega la vista previa gratuita.

Sigue leyendo este libro completo en tu biblioteca:

compralo por $20 MXN o leelo con la Membresia ($149 / 30 dias).

tiendamundodelibros.com